DIÁRIO DE AHMED

Abril de 2010
EB 2,3 DE POCEIRÃO

SIMAURA FARIA ; ANA LOURENÇO ; RAFAEL MONTEIRO; JÉSSICA ROQUE; CARLA ADRIANO

"Se colocares numa parte da balança as vantagens e na outra as desvantagens, perceberás que uma paz injusta é muito melhor do que uma guerra justa"

Erasmo de Roterdão

I

Segunda-Feira
Querido Diário,

Chamo-me Ahmed, tenho 10 anos e moro em Ramalah. Vivo numa espécie de quinta e o meu prato preferido é cabrito assado com batatas.

O meu animal preferido é o crocodilo, vi um uma vez numa revista que o meu vizinho Faisal trazia consigo, e a minha cor preferida é o amarelo.

Quero partilhar contigo o que me tem acontecido e o que vou vivendo, é bom ter um amigo que nos ouve.

Sabes, hoje fui revistado num dos postos de controlo. É estranho, ir para a escola e de repente teres de parar tudo e sentires que a vida não é fácil. Revistaram-me a mala e não encontraram nada, mas mesmo assim, não me queriam deixar passar. Acho que me devem ter confundido com alguém. Disseram que eu tinha um ar suspeito. Desconfiaram dos meus documentos. Suspeito de quê? De bombista?

Como é que eu seria capaz? Bem, eles também não me conhecem, como podem pensar que por explodir uma bomba no mundo qualquer um pode ter sido o autor!

Parece que não pensam.

Nem vais acreditar! Perdi montes de tempo e senti-me mal… será que é costume uma pessoa de dez anos ser revistada assim? Ao ir para a escola?!

Só assim é que me deixaram passar. Mas estive lá mais de três horas e ainda por cima levei um ralhete de minha professora de Língua Árabe.

E ela, como não é muito simpática, mandou um recado aos meus pais por eu ter chegado à aula quando só faltavam 10 minutos para esta acabar.

Quando lhes disse, eles compreenderam que a culpa não era minha e, como são fixes, não reclamaram.

Sem eles, não sem o que seria de mim.

Não sei o que seria de mim nem do mundo… o mundo sem os meus pais… não faz sentido.

Bem, prometo voltar todos os dias e partilhar tudo contigo meu novo amigo. Tenho de ir dormir. Foi um dia cansativo! Prometo voltar amanhã!

Adeus!

II

Terça-Feira
Querido Diário,

Hoje fui para a escola e correu tudo bem. Tive excelente a matemática.

Quando ia para casa, vi que os militares israelitas tinham fechado a minha aldeia. Não pode entrar.

Fui a correr para casa.

Eram quase onze da noite, quando entrei.

Procurei os meus pais, para lhes dizer que tinha tido excelente e dar-lhes uma boa notícia. Mas, qual não foi o meu espanto, vi-os chorar.

Ao princípio não percebi porquê.

Cheguei a pensar que tivesse sido por causa da inspecção, mas como esta acontece muitas vezes, pus logo essa ideia de parte.

Cheguei a pensar também que fosse por causa de terem levado bens ou coisas assim, mas não foi nada disso.

Durante o jantar, os meus pais lá me contaram, parece que o marido da nossa vizinha, a melhor amiga da minha mãe, tinha sido levado pelos israelitas. Quando os meus pais me contaram isto, disseram que ouviram israelitas a dizer que o levaram por ter vestígios de bombas em casa.

Os israelitas não explicaram porque o fizeram, apenas a fazem, como sempre. O meu vizinho, leitor assíduo de revistas de animais e de história. Ele foi professor de música quando era mais novo, como dizem os adultos, o senhor Faisal é um homem culto, é difícil imaginar o senhor Faisal a fazer bombas… decididamente, o senhor Faisal não é um homem de guerra!

Não tenho muita fome, a comida não era nada de especial e o ambiente lá em casa não ajudava.

Sei o quanto os meus pais passam todos os dias para poder ter esta refeição na mesa. Não quero fazer-lhes essa desfeita, mas quando tenho pessoas tristes a meu lado não consigo comer.

É meia-noite. Vou tomar banho e depois vou dormir.

Amanhã começa outro dia, e, tenho que me levantar muito cedo: às cinco e meia, para mais um dia de trabalho.

III

Quarta-Feira
Querido Diário,

Hoje tenho montes de coisas para te contar. Custa-me escrever neste momento mas preciso desabafar e partilhar com alguém a revolta que sinto. Estou tão triste… Hoje, quando voltei da escola, vi tudo destruído. Havia destroços por todo o lado, os prédios eram ruínas, a minha rua parecia uma das fotos das revistas de história do senhor Faisal. A minha casa tinha um dos muros em baixo e outros destroços da loja em frente.

A minha mãe estava a chorar muito, mas mesmo muito. O choro confundia-se com gritos de tão forte que era o choro. Assustei-me e temi o pior. Não vi o meu pai e então contei à minha mãe que tinha tido um excelente. Ela disse que ficou muito orgulhosa, mas começou a chorar ainda mais. Achei muito estranho, mas não perguntei nada, por achar que assim seria melhor.

A minha mãe disse-me com a voz trémula que tinha acontecido uma desgraça… e que eu teria de ter forças. Senti o meu corpo a desfalecer, e sem saber do que se tratava comecei a chorar sem ter controlo sobre o meu corpo…

"O teu pai não está mais entre nós, filho… os destroços… a explosão… não consegui ajudá-lo… não consegui… não consegui!..."

Tenho as palavras e o rosto da minha mãe na minha memória a martelar-me na cabeça… e não sei exprimir por palavras o que sinto… o vazio…

Passei a noite em casa de vizinhos. Não consegui comer. O meu pai… o meu querido pai… como será o mundo sem o meu pai?

Depois do jantar fui tomar banho.

Quando estava a vestir o pijama, a minha mãe apareceu e disse que se ia deitar. Pediu-me para me portar bem e para ser forte.

Perguntei-lhe se podia ir dormir com ela, pois, para além do medo, tinha uma estranha sensação.

Passámos a noite em branco.

Ela só se revirava de um lado para o outro, e quando adormecia tinha pesadelos. Só gritava o nome do um pai!

Eu fiquei muito assustado, isto é, estava com receio que lhe acontecesse alguma coisa, como aconteceu ao meu pai.

Quando adormeci, tive um pesadelo.

Sonhei que a minha mãe e o meu pai morriam queimados. Eu não pude fazer nada e depois… acordei lavado em lágrimas e suor.

Ainda bem que foi apenas um pesadelo, se fosse real, eu nem quero imaginar. Ouço falar de guerras e de confrontos em todo o lado, viver onde eu vivo… é uma verdade absoluta! Mas o meu pai e a minha mãe… e eu… não pensamos em guerra, queremos paz.

Não consigo escrever mais, desculpa.

Adeus e até amanhã!

IV

Quinta-feira
Querido Diário,

As coisas cá em casa complicaram-se.

A minha mãe não tem dinheiro para um funeral decente, portanto apenas enterramos o corpo do meu pai, no quintal.

Ninguém diz uma única palavra cá em casa. As minhas vizinhas e alguns amigos do meu pai passaram por cá para confortar a minha mãe. Bem que ela precisa, está mais abatida, parece mais velha… de um dia para o outro!

Fui à escola e o dia correu mesmo muito mal na aula de matemática. A professora chamou-me a atenção, pois eu estava muito distraído.

Só pensava no meu pai.

No intervalo, não me apeteceu jogar à bola (uma das coisas que eu mais gosto no mundo) e por isso a minha equipa perdeu.

Sentei-me num banco a comer.

Um menino veio sentar-se ao pé de mim. Ele disse que sabia o que eu estava passar.

Ele perdera o irmão gémeo, pois este tinha uma doença grave e não o deixaram ir para hospital israelita.

Ontem, perdera um tio, como eu perdera o meu pai.

Ele não tinha lanche e estava cheio de fome e por isso dividi o meu lanche ao meio (também tinha muita fome, mas fiz esse sacrifício). Ele vivia ao pé da minha casa, e eu não tinha reparado nisso.

Fui almoçar e perguntei à minha mãe se podia ir jogar futebol, com ele. Ela disse que sim, mas com uma voz muito fraca. A minha mãe parece desligada deste mundo… eu não sei o que dizer… ou o que fazer.

Já cheguei tarde a casa e preferia ter levado um ralhete da minha mãe do que ver o que vi: a minha mãe estava sentada no sofá toda vermelha, parecia estar com febre.

Aproximei-me dela, com cuidado e ela disse para eu não me preocupar, que era só uma constipação e mandou-me ir jantar, mas eu não acreditei naquelas palavras que ela disse.

Não estava com muita vontade, mas esta não era a altura certa para não lhe obedecer.

Jantei e fui tomar banho.

Quando acabei de fazer os trabalhos de casa tive sede e fui à cozinha. Lá vi a minha mãe estendida no chão a tremer.

Fiquei paralisado, mas recompus-me e fui buscar uma toalha, molhei-a e coloquei-a na testa da minha mãe, depois fui a correr chamar a minha vizinha. Ela ajudou-me a levar a minha mãe para o hospital. Tentámos passar a fronteira mas não nos deixaram, e então tivemos que voltar para casa. Mas no caminho para casa, encontrámos um médico.

Explicámos-lhe a situação e ele examinou a minha mãe. Disse que a doença que a minha mãe tinha não era grave, se fosse tratada a tempo num hospital. Caso contrário a doença poderia “complicar-se”.

A minha vizinha ajudou-me a pôr a minha mãe na cama. Fiquei toda a noite com elas, pois a minha vizinha ficou lá em casa.

O que hei-de fazer? Sei que não me podes ajudar muito mas preciso tanto de ajuda… que falta me faz o meu pai… que saudades de segunda-feira… de os ter alegres ao meu lado.

V

Sexta-Feira
Querido Diário,

Fui à escola, mas não consegui concentrar-me.

Depois de chegar a casa, fui ter com a minha mãe.

Ela está de cama e não se pode levantar.

Almocei e tomei banho. De seguida, despedi-me dela e fui rezar.

Quando cheguei à mesquita, lavei-me e depois rezei muito.

Não dei pelo tempo a passar… senti-me em paz enquanto rezava.

Quando cheguei a casa, fui ter com a minha mãe disse-lhe que tinha rezado muito. Ela disse que rezar era bom… e que até já se sentia melhor por saber que eu tinha rezado. Disse-me que tinha ido a um centro de saúde no bairro vizinho mas que no hospital tudo escasseava e que não havia condições para trabalhar com todas as máquinas que eram necessárias…

Se houvesse paz… teríamos também direito a um hospital avançado, com tudo o que um doente precisava! Se os outros têm porque não havemos nós de ter?

Disse-lhe que a amava e que sem ela não conseguia viver.

Ela pediu-me para eu ir chamar a nossa vizinha e eu fui de livre vontade.

Quando eu a chamei, ela disse-me para eu ir brincar, eu não fui e fiquei à porta do quarto da minha mãe a ouvir a conversa.

A minha mãe pediu à minha vizinha, no caso de ela morrer, se ela podia "cuidar" de mim e criar-me como se eu fosse seu filho. Ela disse que sim, que faria isso por ela e pelo meu pai.

A ideia de ficar sem a minha mãe não parece deste mundo… não existe!

Quando acabei de jantar fui tomar banho e agora vou dormir.

Espero que a minha mãe melhore rapidamente…

Até amanhã!

VI

Sábado
Querido Diário,

As coisas estão cada vez piores.

A minha mãe já não se consegue levantar, tenho de fazer tudo: a comida, tratar dos animais, regar a horta…

Isso é o menos, só queria que ela melhorasse.

Como te disse ontem, fartei-me de rezar e confio que Alá me vai ouvir. Na segunda tenho teste de língua árabe, mas não me apetece nada estudar.

Fui um pouco para a rua, jogar futebol e fiz o almoço.

Não ficou grande coisa, mas é o melhor que eu sei fazer… uma espécie de sopa de legumes, a única coisa que sei cozinhar.

A minha mãe não comeu quase nada.

Tinha um pouco de esperança que fosse devido ao almoço.

Pedi mais uma vez, à minha vizinha, que a levasse ao hospital.

Ela pediu desculpa, mas disse que tinha receio de sair à rua e que se tinha dito lá na rua que estava para breve uma nova visita ao bairro pelo exército israelita. O seu irmão depressa se ofereceu, sempre era melhor ir um homem, fiquei contente. Ali era corajoso e grande amigo do meu pai.

Desta vez, deixaram-nos passar para o bairro judeu.

Enquanto esperava, lembrei-me do meu pai, nos momentos bons e maus e como ele agora fazia mesmo muita falta.

A minha vizinha foi falar com o enfermeiro. Depois, veio falar comigo e disse que a doença que a minha mãe tinha, tem cura, mas apenas se tivesse sido tratada a tempo, e não foi esse o caso.

No regresso a casa, durante a viagem, a minha mãe fechou os olhos e não os abriu mais.

Não chorei, tentando conter-me. Fiquei chocado e a primeira coisa em que pensei foi o que seria da minha vida.

Porque é que eu não morri com eles?

VII

Domingo
Querido Diário,

Hoje estou muito triste com tudo o que aconteceu.

No entanto, a família que me acolheu é muito simpática e tratam de mim como se fosse seu filho. Que confusão, a minha cabeça está um turbilhão! Estou vazia mas tenho de ter fé e acreditar que os meus pais não morreram em vão, morreram e até as suas mortes me ensinaram. As pessoas só morrem quando as esquecemos e eu vou tê-los sempre presentes.

Mas, se vou passar a sê-lo, porque não esquecer tudo o que aconteceu?

Ontem á noite, quando me ia deitar, a minha nova mãe contou-me a sua história, que é parecidíssima com as histórias que a minha mãe costumava contar.

Ela ficou órfã.

A mãe, foi levada para Israel e acabou por morrer, quando uma bomba rebentou, na sua casa.

Eu pensei: e eu que pensava que estas coisas só me aconteciam a mim. Mas afinal, os outros também sofrem, tanto com a guerra, como com a perda de entes queridos. É por isso que o nosso povo é forte e eu tenho orgulho dele, sofremos e vivemos com orgulho do que somos e acreditamos, a nossa fé ajuda-nos! Acreditamos no futuro. No dia em que as escolas estarão à porta de casa sem vistorias, o dia em que os hospitais estarão perto dos doentes e com condições para os receberem… para que não haja órfãos como eu.

A minha nova família acolhe muitas crianças órfãs. Tenho, pelo menos, oito irmãos, todos mais velhos, menos o bebé, que tem apenas cinco meses.

Não tenho pai adoptivo.

A minha nova mãe não tem marido.

Gosto da minha nova família, não só pelo carinho, mas também porque todos os meus "irmãos" gostam de jogar futebol.

Também eles têm o mesmo sonho que eu: ser futebolista.

Agora vou jantar.

Não é igual ao que a minha antiga mãe fazia.

Hoje, foi a minha comida preferida: cabrito assado com batatas.

Vou fazer um pacto contigo: vou escrever-te até ao dia em que tudo o que desejei há pouco seja realidade. Quero partilhar contigo a vitória do nosso povo. A vitória da paz e da liberdade… a liberdade total.

Até breve.